

Editorial [PT]

por **Deborah Moreira Guimarães**¹

DOI: 10.12957/ek.2025.95480

Em tempos medidos pela produtividade, em que a quantidade é mais valorizada do que a qualidade, revisar certos critérios e procedimentos que norteiam a pesquisa científica e o trabalho acadêmico torna-se uma tarefa urgente.

O trabalho editorial brasileiro, imprescindível à divulgação de resultados de pesquisa, é marcado atualmente por uma conta que não fecha: todos desejam publicar seus *papers*, mas poucos são aqueles que se dispõem a realizar pareceres. Para quem não conhece o funcionamento do fluxo editorial de uma revista que segue o procedimento *double-blind peer review*, esclarecemos que se trata de um método de avaliação (revisão acadêmica), no qual autores e pareceristas permanecem em anonimato, tendo em vista garantir imparcialidade e objetividade. Os artigos são recebidos pelo portal da revista e encaminhados, pelo(a) editor(a), a dois avaliadores, que farão seus pareceres sem qualquer acesso aos dados da pessoa autora. O(a) editor(a) atua em todos os processos do trabalho de editoração, desde a recepção dos textos e o encaminhamento aos pareceristas até a gravação da decisão editorial, que necessita não apenas de uma leitura atenta dos pareceres recebidos, mas também de ponderação e discernimento no momento de análise do texto submetido e dos pareceres recebidos para o texto em questão. Porém, há um entrave que torna esse processo extremamente lento e inevitavelmente marcado por atrasos contínuos: a revisão acadêmica por pares. A cada dia, tem sido mais difícil conseguir pareceres para os *papers* submetidos. Muitas vezes, as solicitações de parecer permanecem sem resposta. Na maioria dos casos, as respostas se resumem à frase “indisponível para realizar avaliação”, resposta configurada automaticamente pelo sistema OJS (*Open Journal Systems*).

¹ Professora do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Minas Gerais. Coordena, em parceria com o Prof. Marco Casanova, o grupo de pesquisa “Da fenomenologia à fenomenologia hermenêutica: a caminho da linguagem”, ao qual a UFMG está vinculada como instituição parceira.

É evidente que tal indisposição para a tarefa de emitir pareceres se justifica pela sobrecarga de trabalho acadêmico: carga horária docente, participação em comissões, publicações, cargos de gestão, orientações, reuniões etc. Como então fechar essa conta se não há qualquer viabilidade de conciliar tantas tarefas executando-as com a dedicação que elas exigem? Como diminuir os atrasos nas publicações mantendo a revisão acadêmica por pares sem, contudo, gerar ainda mais sobrecarga? Se, para cada artigo, precisamos idealmente de dois pareceres, a demanda de avaliações será sempre o dobro do número correspondente às submissões do fluxo editorial.

Uma vez que a fenomenologia é, por excelência, uma filosofia da atenção, façamos o exercício fenomenológico de olhar com atenção tal fenômeno. Basta um exame atento para notarmos que tal conta nunca fechará. Ao contrário, as perspectivas são as piores possíveis, sobretudo, em tempos de Inteligência Artificial, em que se produz cada vez mais (com menos qualidade, evidentemente), o que exige mais avaliações, gerando sobrecarga a editores e pareceristas. Se a conta não fechar, o futuro será o colapso: algumas revistas serão descontinuadas dada à inviabilidade de todo esse processo exaustivo; outras tentarão se adaptar, passando a aceitar *IA generativa* em suas submissões, o que já vem acontecendo timidamente; outras tentarão se adaptar aderindo aos *pré-prints*, o que me parece ser uma espécie de “terceirização” do método *double-blind peer review*, ou seja, no mínimo, uma tentativa de lidar com a indisponibilidade geral de pareceristas, tentativa que acaba conferindo ao público interessado a tarefa de eventualmente encontrar problemas no texto “pré-publicado” ou, se for o caso, de validar sua qualidade para que o texto seja, de fato, publicado; enfim, há vários cenários possíveis, mas não há cenário no qual a conta feche de maneira satisfatória garantindo a qualidade e a relevância dos trabalhos publicados.

De fato, não é fácil obter transparência dos próprios problemas. Todos repetem exaustivamente que só podemos encontrar com clareza as falhas dos textos que não foram escritos por nós mesmos. Aprendemos, desde o início da graduação em filosofia, que ler os textos de nossos colegas constitui um exercício fundamental na vida acadêmica, tanto para garantir que sejam evitados os problemas não vistos pelos próprios autores quanto para assegurar que os textos reflitam esforços coletivos de pesquisa, que dialoguem com a literatura especializada sobre o assunto e que possam efetivamente contribuir para a área na qual se inserem. Resumidamente, a pesquisa em filosofia é um exercício que

evidentemente necessita do isolamento, mas que só se realiza plenamente nos esforços coletivos voltados para a construção do conhecimento embasado na solidez e na validade que só podem ser conquistadas na interlocução entre pares de uma mesma comunidade. Não é possível fazer pesquisa em filosofia sem diálogo, seja em nível nacional ou internacional; tampouco é possível trabalhar com seriedade quando o martelo das decisões é batido em razão da urgência e da quantidade. Estamos nos adaptando a esse sistema, pois precisamos, por exemplo, ser aprovados em concursos, entrar na pós-graduação e garantir a progressão na carreira. No entanto, estamos exaustos; involuntariamente exaustos para ler os trabalhos de nossos pares e emitir os pareceres imprescindíveis à publicação de nossos *papers*.

Como dito anteriormente, a conta nunca fechará se a pesquisa em filosofia for determinada por fatores predominantemente quantitativos. A meu ver, só há uma saída: “desacelerar”, isto é, publicar menos e dialogar mais com a comunidade, produzindo resultados que possam ser, de fato, inseridos em discussões mais amplas, em vez de gerar mais e mais conteúdos que só servem para acumular linhas no *lattes* ou pontuar nos baremas, mas que não produzem qualquer impacto efetivo em suas respectivas áreas.

Nesta edição da *Ekstasis: revista de hermenêutica e fenomenologia* trazemos um pequeno dossiê dedicado a acolher textos apresentados no XXIX Colóquio Heidegger, cujo tema foi “Heidegger como Educador”. O evento ocorreu entre os dias 6 e 8 de novembro de 2024, na cidade de São Paulo. Tais textos haviam sido pensados originariamente para o dossiê homônimo organizado pela *Natureza Humana: revista internacional de filosofia e psicanálise*, que sempre acolheu a comunidade heideggeriana publicando suas pesquisas. Infelizmente, algumas trajetórias terminam, como ocorreu com a *Natureza Humana*, que, ao ser descontinuada, ficou devendo seu último galo a Asclépio e não pode, assim, publicar o dossiê tal como havia planejado.

Apresentamos, conforme a ordem do sumário, contribuições de Irene Borges-Duarte, Luís Rossi, Marco Casanova e Tito Marques Palmeiro. Tais artigos foram recebidos e avaliados pelo corpo editorial da *Natureza Humana*, em parceria com os seus pareceristas. Dada a decisão de descontinuação da revista, a *Ekstasis* acolheu os textos

incorporando-os nesta edição que, a princípio, contaria apenas com a seção de artigos de temática livre.

Na seção de artigos, na qual publicamos em geral os textos recebidos em fluxo contínuo, contamos com contribuições dos seguintes autores, conforme a ordem do sumário: Adriano Henrique de Souza Ferraz, Daniel Gomide da Silva, Lucas Ribeiro Vollet, Brenda Soares, Lucas Joaquim da Motta, Adam Italiano, Juvenal Savian Filho, Vítor Hugo dos Reis Costa, Mariana Di Stella Piazzolla, Jefferson Silva, Ida Kublikowski, Adelma Pimentel e Maria de Nazareth Malcher.

Temos ainda o prazer de publicar a tradução, feita por Patrícia Mara Rodrigues Silva, do texto *L'être est-il porteur? Réflexions critiques sur l'ontologie de Merleau-Ponty*, de Emmanuel de Saint Aubert, por ocasião de sua visita à Universidade Federal de Minas Gerais, em setembro de 2025.

Na seção de resenhas, contamos com a contribuição de Pedro Damasceno Uchôas, sobre o livro, recém-publicado pela editora Vozes, *10 lições sobre Husserl*, de Daniel Peluso Guilhermino.

Por fim, como de costume, trazemos a lista de pareceristas que gentilmente contribuíram no processo de avaliação de artigos pelo sistema de *double-blind peer review*, e o expediente, que contém os dados gerais da edição sistematizados e organizados para o público leitor.

Agradeço, em nome do corpo editorial da *Ekstasis*, a todas as pessoas que contribuíram direta e indiretamente para a realização de mais esta edição.

A quem nos lê, uma ótima leitura!